



# IDEAIS REFORMATÓRIOS ABARCADOS PELO PIETISMO, QUE SE SECULARIZARAM NO ILUMINISMO ALEMÃO DO SÉCULO 18

**Junior Felipe de Godoy<sup>1</sup>**

## RESUMO

Constata-se, no meio teológico, uma profunda depreciação do Iluminismo alemão do séc. 18, o que, em parte, não é lícito. Por mais que o Iluminismo tenha trazido algumas consequências ruins para campo teológico, é necessário lembrar qual foi o contexto que levou Immanuel Kant a iniciar tal movimento racional. Tempos antes nascia, no coração dos alemães, a preocupação para com o próximo, a preocupação com uma vida santificada. Inicialmente, por meio de Philip Jacob Spener, nascia o movimento piedoso alemão (Pietismo). A santificação, em meio a toda a ideologia da justificação abordada pela ortodoxia luterana, é priorizada por esse movimento, bem como o encontro do humano com o divino, que se torna o centro do ser corpo de Cristo. A presente abordagem tenta verificar o que ambos, Pietismo e Iluminismo, têm em comum. Num primeiro momento, apresenta-se o movimento pietista com seus representantes e enfoques. Num segundo momento, faz-se a abordagem do Iluminismo alemão. E, num terceiro momento, a herança do Pietismo, presente no Iluminismo, é esboçada. Conclui-se que há, entre Spener e Kant, entre Pietismo e Iluminismo, muito mais congruências do que normalmente se costuma pensar.

---

<sup>1</sup> Junior Felipe de Godoy é estudante do 6º Semestre do curso de bacharelado em teologia da Faculdade Luterana de Teologia – FLT. O presente artigo é uma versão levemente adaptada de um ensaio monográfico na área histórico-sistemática, realizado como atividade de iniciação à pesquisa científica (e-mail: [junior.godoy@flt.edu.br](mailto:junior.godoy@flt.edu.br)).

**Palavras-chave:** Pietismo e Iluminismo, Immanuel Kant, Philip Jacob Spener, secularização.

### ABSTRACT

*There appears to be in the theological midst a profound depreciation of the German Illuminism of the XVIII century, what, in parts, is not licit. As much as it brought together some bad consequences to the theological field, it's necessary to remember what was the context which made Immanuel Kant "establish" such rational movement. Some time earlier was born in the heart of the Germans the concern towards the neighbor, a concern with a sanctified life. Some time earlier was born, initially through Philip Jacob Spener, the German Pietist Movement (Pietism). The sanctification, amidst all the ideology of the justification approached by the Lutheran Orthodoxy, is prioritized by this movement, as well as the meeting between the human and the divine, which is turned into the center of the being Body of Christ. The present approach tries to verify what both, Pietism and Illuminism, have in common. At a first moment, it presents the Pietist Movement with its representatives and approaches. At a second moment, the approach to the German Illuminism is made. And, on a third moment, the heritage of the Pietism is presented in the outlined Illuminism. It's concluded that there is between Spener and Kant, between Pietism and Illuminism, much more congruencies than is normally thought.*

**Key-words:** Pietism and Illuminism, Immanuel Kant, Philip Jacob Spener, secularization.

### INTRODUÇÃO

O ambiente coletivo no qual vivemos, denominado sociedade, existe em constante mutação. Ideologias se transformam, hipóteses que hoje são consideradas únicas e verdadeiras, amanhã podem já não mais o ser. No entanto, como isso se relaciona com o processo que o ideal reformador passou? Como já dito, a sociedade existe em constante mutação, desse modo, também o ideal reformatório passou por modificações. Transformou-se assim como a sociedade.

No presente artigo se buscará compreender como tal fato aconteceu. Como foi o processo que transformou os ideais de Lutero, posteriormente, em auxílio para o nascimento do Iluminismo. E quais foram os acontecimentos históricos que influenciaram para que essa secularização ocorresse. Salienta-se que imprescindível para compreender esse processo é entender o que foi o movimento pietista surgido no séc. 17, na Alemanha.

Com os pressupostos devidamente delimitados, procurar-se-á entender quais foram os ideais reformatórios que foram deturpados e quais as influências decorrentes são visíveis ainda na atualidade. Posteriormente, será possível apregoar quais foram, de fato, os erros e acertos que nasceram dentro do protestantismo, e como eles se evidenciaram no movimento que conhecemos como Iluminismo, ou época da razão.

## I. PIETISMO

“A experiência pessoal dos piedosos é o fundamento da certeza em matéria de conhecimento teológico”.<sup>2</sup> Desse modo, inicia-se a abordagem sobre o movimento que, posteriormente, foi considerado o mais relevante na história do cristianismo, depois da Reforma Protestante.

### 1. Análise histórica

---

2 Bengt HAGGLUND. *História da Teologia*. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 282.

A partir deste momento, serão relacionados os eventos que foram considerados de suma importância para o movimento pietista alemão. Nesta etapa, será abordado o contexto histórico alemão, que abrangeu o Pietismo. Inicialmente, é importante salientar a importância que a Reforma Protestante teve para o Pietismo, pois, a Reforma, iniciada no dia 31 de outubro de 1517, teve uma repercussão estrondosa dentro da história da igreja cristã. Ele marca o início da era denominada modernidade.<sup>3</sup> O movimento de reforma dentro da Igreja Católica Romana foi iniciado por Martinho Lutero e por outros, considerados pré-reformadores.<sup>4</sup> A Reforma Protestante iniciou-se, oficialmente, na cidade de Wittenberg, Alemanha, e alcançou territórios longínquos. Tal abrangência vinha da busca pelo sentido correto da Escritura, pela acessibilidade da Escritura ao povo e, por consequência disso, a abolição das indulgências.<sup>5</sup>

Importante, também, para compreender como o Pietismo nasceu, é entender o que foi a Ortodoxia. Esse movimento também tinha por pano de fundo a Reforma Luterana, pois aqueles que, posteriormente, foram caracterizados como ortodoxos alemães eram seguidores da então Igreja Luterana, que nasceu na Reforma Protestante. Confrontados pelos vários movimentos que ascendiam na época pós-reforma, a igreja constatou a necessidade da consolidação dos dogmas da Ortodoxia. Nesse ponto, não há críticas a esse movimento, o erro fatal para a Ortodoxia foi o extremo dessa

---

3 Carter LINDERBERG. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 74.

4 Mais informações sobre pré-reformadores: Earle E. CAIRNS. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 247.

5 Para mais informações sobre o pano de fundo da Reforma consultar: E. E. CAIRNS, op. cit., p. 247-250.

dogmatização.

Pessoas ligadas ao movimento da Ortodoxia passaram a se preocupar, em boa parte, apenas com o dogma, com a norma, com a lei e se esqueceram do indivíduo, esqueceram-se da vivência de fé das pessoas, do evangelho. De modo analógico se pode dizer que a Ortodoxia se prendia ao antigo farisaísmo, que se apoia unicamente na lei, deixando assim de lado a boa nova do evangelho. A Ortodoxia, portanto, pode ser caracterizada como a institucionalização da fé, ela é o marco principal para o surgimento do Pietismo, que será tratado no próximo ponto.

Entende-se, com base no que foi averiguado até o momento, que a Ortodoxia foi, ao mesmo tempo, um movimento que tentou salvar as raízes da Reforma, mas que também a subverteu em boa parte. Essa subversão abriu portas para o nascimento do movimento que iria ser caracterizado, posteriormente, pela Ortodoxia como o movimento dos piedosos, ou Pietismo alemão.

## 2. O movimento piedoso alemão

Entusiasmado pelo pano de fundo histórico, descrito no ponto anterior, esse grupo de teólogos, em suma luteranos, que foram chamados de piedosos de forma pejorativa, decidiram focar a vida do cristão. Surge, então, um movimento que, segundo os próprios idealistas, foi considerado a continuação da Reforma Protestante de Lutero, pois os descendentes de tal tradição haviam pervertido, em boa parte, o que Lutero defendeu.<sup>6</sup>

---

6 Cf. Martin N. DREHER. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 12; Phillip Jacob SPENER. *Pia Desidéria: Mudanças para o Futuro*. Curitiba: Encontro; São Bernardo do Campo: Inst. Ecum. Pós-Graduação em Ciências

O principal representante do movimento pietista é Philipp Jakob Spener, nascido em Rappoltsweiler, Alta Alsácia.<sup>7</sup> Spener é considerado o pai institucional do Pietismo, pois foi quem deu início ao movimento que valorizava a vida de fé do cristão, que não se prendia a uma fé dogmatizada e, praticamente, morta, mas que buscava a vida do cristão. Contudo, é lícito salientar que Spener não surgiu com esse ideal sozinho, antes mesmo dele, outras pessoas já criticavam o movimento da Ortodoxia. Pessoas como Bernhard de Clairveaux, Johannes Tauler, John Bunyan, Johann Arndt, Lewis Bayly, dentre outros. Revelam-se como personagens principais do Pietismo: Philipp Jakob Spener,<sup>8</sup> August Hermann Francke<sup>9</sup> e o Conde Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf,<sup>10</sup> juntamente com os

---

da Religião, 1996, p. 21; cf. ainda: W. WALKER. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 689. Na mesma há relatos imprescindíveis para compreender que o Pietismo encontrava-se muito próximo das ênfases que foram colocadas por Lutero, não se afastando, assim, da Reforma.

7 Cf. W. WALKER. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 688.

8 Para mais informações sobre essa personalidade consultar: Claus SCHWAMBACH. Art. “Phillip Jakob Spener: Pai do Pietismo alemão”. in: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII, Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005, p. 13-17; W. WALKER. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 688-690; Mário Francisco TESSMANN. Art. “Pietismo”. in: FILHO, Fernando Bortolletto (org). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 787-788.

9 Para mais informações sobre tal personalidade consultar: Werner WIESE. Art. “Propostas pedagógicas e relevância atual de August Hermann Franke: Um ensaio”. in: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII, Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005, p. 55-61; W. WALKER. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 691-692.

10 Para mais informações consultar: Klaus STANGE. Art. “Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf: A compreensão e a práxis de missão dos Irmãos Morávios”. in: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII, Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005, p. 74-77; Bengt HÄGGLUND. *História da Teologia*. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003, p.

irmãos morávios.

É sustentável, portanto, salientar que o Pietismo, enquanto retomada dos ideais reformatórios, foi o principal movimento de transição entre uma fé padronizada, em boa parte morta, e uma fé que dá o devido valor também à experiência. Esse também foi um dos grandes impasses do Pietismo, pois se implantou um absolutismo e um movimento ainda mais radical, a saber, o Pietismo Radical, que teve como principais representantes o casal Petersen, além de Francke.<sup>11</sup>

O fazer pietista era baseado pela busca intensiva da Palavra do Senhor, pela experiência com este Senhor e, principalmente, pelo amor vivo baseado na Palavra, que também é viva. Já os impulsos ditos por “carnais” são totalmente renegados, a busca por uma vida em santidade e, ao mesmo tempo, santificada se evidencia cada vez mais dentro do movimento pietista.<sup>12</sup>

Com essa didática de fé, o Pietismo recebeu grande aceitação, pois a fé cristã estava abalada. O Pietismo se tornou um refúgio para aquelas pessoas que haviam sido libertas de uma fé rígida pela Reforma, mas que mais uma vez se viram presas a dogmas e uma vida de fé extremamente intransigente. Desse modo, o Pietismo exacerbou a vida de fé cristã singular; o meio utilizado para isso foi o estudo individual da Escritura. O movimento não abrangeu apenas uma região, apenas um país, ou apenas uma denominação religiosa, o movimento pietista foi o primeiro transconfessional.<sup>13</sup>

---

287-288.

11 Claus SCHWAMBACH, *Phillip Jakob Spener: Pai do Pietismo alemão*, p. 16; Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 286.

12 Claus SCHWAMBACH, *Phillip Jakob Spener: Pai do Pietismo alemão*, p. 12-13.

13 Martin N. DREHER. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 10.

O Pietismo, propriamente dito, teve seu início oficial com o lançamento do escrito de Spener, *Pia Desidéria*, no ano de 1675, mas só teve seu auge com a morte de Spener, em 1705.<sup>14</sup> Essa obra trazia, em seu âmago, seis propostas para o reencontro da fé do cristão: 1) divulgação da Palavra de Deus ao povo com maior abundância (*Collegia Pietattis*);<sup>15</sup> 2) restabelecimento e prática assídua do sacerdócio geral de todos os crentes;<sup>16</sup> 3) pregação na vivência da fé e não em mero conhecimento do cristianismo;<sup>17</sup> 4) moderação nas controvérsias confessionais; 5) reforma da formação teológica<sup>18</sup> e 6) o cerne do cristianismo deveria ser a nova maneira de se pregar o evangelho.<sup>19</sup>

As propostas que Spener defendeu foram, como já exposto, frequentemente utilizadas no transcurso da história do Pietismo. Elas foram para o movimento pietista, assim como os escritos de Lutero para a Reforma, as cláusulas básicas para a vivência da fé cristã baseada nos pressupostos do Pietismo de Spener. Fala-se de

---

14 Claus SCHWAMBACH, *Phillip Jakob Spener: Pai do Pietismo alemão*, p. 17.

15 Para mais informações sobre a proposta dos *Collegia Pietattis* de Spener consultar: *Ibid.*, p. 41-42.

16 Para mais informação sobre sacerdócio geral consultar: Vanderlei Lima CARREIRO. Art. “Sacerdócio Universal”. in: FILHO, Fernando Bortolletto (org). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 887-888.

17 Este foi um ponto que gerou muita discussão entre pietistas e ortodoxos luteranos, pois os pietistas insistiam frequentemente na vivência da fé e não em mero conhecimento de fé, o que gerava uma fé morta. Cf. Martin N. DREHER, *op. cit.*, p. 11-12.

18 O estudo deveria ser orientado para a vivência de fé e não somente para o conhecimento desta. Cf. Phillip Jacob SPENER. *Pia Desidéria: Mudanças para o Futuro*. Curitiba: Encontro; São Bernardo do Campo: Inst. Ecum. Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996, p. 18.

19 Para mais informações sobre tais propostas verificar: *Id.*, *ibid.* p. 17-18; Mário Francisco TESSMANN, Art. “Pietismo”. in: FILHO, Fernando Bortolletto (org). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 789-790.

Pietismo de Spener, pois se deve fazer diferença entre os movimentos adjacentes do Pietismo.<sup>20</sup>

Termos-chave para o Pietismo são: *Collegia Pietatis* (Colégio de Piedade), *Eclesiolla in Ecclesia* (Igrejinha na igreja), Spener, Francke, Conde Von Zinzendorf, Irmãos Morávios, Século 17, piedade, Ortodoxia, etc.<sup>21</sup>

## II. ILUMINISMO

“Kant [...] iniciou uma nova revolução na história da filosofia moral [...] uma revolução na investigação filosófica da moralidade”.<sup>22</sup> Desse modo se inicia a abordagem sobre o movimento de maior importância para o início da “secularização” da fé defendida pelo protestantismo do século 16, no século 18. Assim como foi realizado com o Pietismo,<sup>23</sup> realizar-se-á com o Iluminismo, buscando, inicialmente, o contexto em que surgiu e afunilando para o Iluminismo alemão.<sup>24</sup>

### 1. Análise histórica

O Iluminismo divide-se em francês e alemão, neste estudo,

---

20 Para mais informações deve-se consultar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 286.

21 Para mais informações sobre o movimento pode-se consultar: Mário Francisco TESSMANN, op. cit., p. 785-787.

22 J. B. SCHNEEWIND. *A invenção da autonomia: Uma história da filosofia moral moderna*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005, p. 553.

23 Ver o ponto 2. Pietismo, na pag. 5.

24 É de suma importância compreender que o Iluminismo francês não pode ser confundido com o Iluminismo alemão. Para mais informações sobre o Iluminismo francês, bem como sobre Rosseau, consultar: Hans Joachim STÖRIG. *Kleine Weltgeschichte der Philosophie*, p. 421-432.

analisar-se-á apenas o alemão. O movimento se caracterizou por uma busca incessante da razão em todos os fatos, mas esse movimento não surgiu de maneira “*ex nihilo*” (do nada), como um movimento que não teve seus pressupostos. Um deles, e consideravelmente o mais importante, foi o Pietismo alemão,<sup>25</sup> pois grandes nomes do Iluminismo alemão estão diretamente ligados ao Pietismo, dentre os quais, encontram-se Immanuel Kant,<sup>26</sup> Cristiano Wolff,<sup>27</sup> Júlio Augusto Luís Wegscheider,<sup>28</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel,<sup>29</sup> Gottfried Wilhelm Leibniz,<sup>30</sup> E. W. Tschirnhaus,<sup>31</sup> Samuel Pufendorf,<sup>32</sup> Christian Thomasius,<sup>33</sup> etc.

A explosão da busca pela razão foi o que gerou o que se chama de racionalismo do meio em que se vive. Esse movimento foi o resultado de uma época atordoada da teologia, sendo que, nessa época, todo um conceito teológico, tido por imutável, despençou. Salientam-se aqui movimentos, além do Pietismo, como a teologia inglesa, a teologia de transição, o próprio Wolffianismo teológico e,

---

25 Já tratado no ponto 2. Pietismo.

26 Para uma análise da biografia e das ideologias de Kant consultar: Hans Joachim STÖRIG, op. cit., p. 436-493.

27 Para uma análise da biografia e da ideologia de Wolff consultar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 299-300.

28 Para uma análise da biografia e da ideologia de Wegscheider consultar: Ibid., p. 300.

29 É importante salientar que Hegel não foi apenas um entusiasta iluminista, mas que ele também se contrapôs, posteriormente, ao Iluminismo totalmente secularizado. Hegel se tornou um importante repressor dos movimentos Iluministas posteriores dentro da Teologia. Para uma análise da biografia e da ideologia de Hegel consultar: Hans Joachim STÖRIG, op. cit., p. 517-531.

30 Para analisar a ideologia de Leibniz consultar: Martin DREHER, op. cit., p. 34, 35.

31 Giovanni REALE; Dario ANTISERI. *História da Filosofia: Do humanismo a Kant*. Vol. 2. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 810.

32 Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 811.

33 Id., *ibid.*, p. 811-812.

por fim, a neologia.<sup>34</sup> Também outros pensadores, como David Hume, Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke, George Berkeley, Giambattista Vico, dentre outros, destacaram-se dentro do estudo do empirismo e moralismo.<sup>35</sup> Além disso, houve outras influências decisivas sobre o Iluminismo alemão, como: a filosofia de Leibniz,<sup>36</sup> Newton e suas teorias científicas, Spinoza e sua filosofia, além dos ideais filosóficos do Iluminismo francês e alemão.<sup>37</sup>

## 2. Iluminismo alemão

“*Sapere aude!* Tem a coragem de servir-te de tua própria inteligência! Esse é o lema do Iluminismo”.<sup>38</sup> A ousadia pela sabedoria era a força motriz de Kant, foi aquilo que impulsionou sua revolução pela busca da realidade. Segundo Kant, e outros pensadores anteriores, somente a razão poderia libertar o homem de uma dogmatização espiritual que levou a atrocidades e ingenuidades apavorantes.<sup>39</sup>

Baseando-se em Kant, pode-se situar o ser humano como um ser sem conhecimento de Deus ou da alma, apenas por si mesmo ou pela razão. Segundo esse filósofo, o juízo moral só representa que há um Deus que produz tal juízo na humanidade. Esse Deus, que coordena toda a existência, manifesta-se na história logicamente para possibilitar a reconciliação com a humanidade, que se encontra

---

34 Para analisar um apanhado de tais movimentos consultar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 295-303.

35 Para mais informações sobre tais movimentos consultar: Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 483-661.

36 Para mais informações consultar: Id., ibid. p. 440-479.

37 Id., ibid., p. 810.

38 Id., ibid., p. 663.

39 Id., ibid., p. 665-666.

totalmente adversa a ele. No entanto, para compreender esse agir, a crítica deve ser ponderada, evidenciando a criticidade bíblica.<sup>40</sup>

A perspectiva iluminista, em suma, era influenciada por um otimismo humanitário. O ser humano seria responsável pela estabilidade e instalação de um mundo melhor e justo, formado pela autonomia humana. A razão seria o meio pelo qual se desvendaria a maneira de se obter esse horizonte tão desejado, pois, a razão era vista como o local das “verdades eternas”; é nela que se encontra a verdade que sempre houve e que permanecerá eternamente. Essa “verdade eterna” seria a tendência humana e, por isso, a busca pela razão se evidencia fortemente dentro do período iluminista. Contudo, o ser humano não é reduzido apenas à razão, mas nela encontra o meio pelo qual ele pode descobrir aquilo que era oculto pelo olhar apenas espiritual. Também como no Pietismo, o Iluminismo dá indubitável importância para a experiência, pois ela é quem revela a verdade historicamente.<sup>41</sup>

Christian Wolff, considerado por alguns a figura mais importante do Iluminismo alemão,<sup>42</sup> teve grande influência no pensamento iluminista, demonstrando um otimismo objetivo da filosofia em relação à humanidade. Segundo os ideais de Wolff, tudo deveria ser esmiuçado e compreendido de forma racional, de modo que termos devem ser compreendidos, além de haver certa ordem no modo de exploração de premissas.<sup>43</sup>

A religião natural se torna a única forma de revelação verdadeira, isso segundo Reimarus, pois a verdade sobre Deus e sobre sua revelação à humanidade está contida na criação, está

---

40 Earle E. CAIRNS, op. cit., p. 446.

41 Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 666-671.

42 Id., *ibid.*, p. 816.

43 Id., *ibid.*, p. 817-818.

contida na subjetividade, diferenciando-se dos ideais do Iluminismo francês, que firmava apenas a revelação por meio da moralidade sem a existência de uma revelação natural. A subjetividade se torna, portanto, o meio pelo qual o ser humano possui noção de Deus e de seu agir histórico.<sup>44</sup>

A criticidade se voltou à Sagrada Escritura, buscando envolver nela aquilo que deveria ser cláusula para tal subjetividade humana e aquilo que deveria ser considerado como mera injunção de uma religião cega.<sup>45</sup> De fato, o que o Iluminismo buscou, ao voltar-se à Escritura, foi uma procura pelo “reino da verdade”, encontrando, assim, conceitos simples baseados na independência da experiência.<sup>46</sup>

Os termos-chave para o Iluminismo alemão são: Immanuel Kant, Christian Wolff, Pietismo, Iluminismo, autonomia, razão, religião, moral, ética, século 18, etc.<sup>47</sup>

### III. A INFLUÊNCIA DO PIETISMO NO ILUMINISMO

Tendo por Spener o principal representante do Pietismo alemão e por Wolff e Kant como os representantes do Iluminismo, também alemão, é lícito afirmar que:

- a) O Pietismo de Spener não visava à desvalorização da Escritura, tão pouco de Deus como Senhor sobre a humanidade. Esse

---

44 Id., *ibid.*, p. 825-826.

45 Earle E. CAIRNS, *op. cit.*, p. 447-449.

46 Giovanni REALE; Dario ANTISERI, *op. cit.*, p. 820-821.

47 Para mais informações consultar: L. J. ROGIER. Art. “O século das luzes e a revolução (1715-1800)”. in: L. J. ROGIER; J. de Bertier de SAUVIGNY. *Nova História da Igreja*. Vol. IV. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 25-29.

movimento visava à fé viva e, de fato, visivelmente contrapondo, assim, a dogmatização Ortodoxa, que tinha demasiado enfoque na justificação<sup>48</sup> e abandonava, muitas vezes, a grandeza da santificação.<sup>49</sup> Dessa forma, o Pietismo foi uma luta pelo devido valor da santificação do crente, além de afirmar a fé como plena confiança.<sup>50</sup>

b) O Iluminismo, representado por Wolff e por Kant, também teve seu enfoque na santificação vivida no dia a dia do crente.

---

48 Para mais informações sobre Justificação consultar: Oswald BAYER. *A teologia de Matim Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 28-31, 69-71; Oswald BAYER. *Viver pela Fé: Justificação e Santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 22-39; Werner WIESE. *Ética Fundamental: Critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2008, p. 181-183; Theodor HAARBECK. *Está Escrito: Dogmática Bíblica*. São Bento do Sul: União Cristã, 1987, p. 111-114; Gottfried BRAKEMEIER. *Panorama da Dogmática Cristã: À luz da confissão luterana*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010, p. 72-77; Darci DREHMER. (ed.). *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006, p. 110-176, 338-339, 578-590; Paul R. SPONHEIM. “O conhecimento de Deus”. In BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 1. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 268-272; Gerhard FORDE. “Vida Cristã”. in BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 405-472; Gottfried BRAKEMEIER. *O Ser Humano em busca de identidade: Contribuições para a antropologia teológica*. 2. ed. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 79-106; Claus SCHWAMBACH. Art. “Justificação por graça e fé. 10 anos de assinatura da ‘Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação’ – ensaio de um balanço crítico em perspectiva luterana”. In: Claus SCHWAMBACH. *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII, Nr. 1. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2010, p. 110-149.

49 Para mais informações sobre Santificação consultar: Darci DREHMER. (ed.). *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006, p. 451-455; Theodor HAARBECK. *Está Escrito: Dogmática Bíblica*. São Bento do Sul: União Cristã, 1987, p. 135-139; Werner WIESE. *Ética Fundamental: Critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2008, p.183-185; Oswald BAYER. *Viver pela Fé: Justificação e Santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 52-60.

50 Carl E. BRAATEN. “Prolegômenos à dogmática cristã”. In BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 1. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 58.; Werner WIESE, op. cit., p. 196-228.

Ela deveria ser visível, na prática, por meio da moral e da ética, campos que tiveram grande enfoque no Iluminismo. O Iluminismo também se contrapôs à Ortodoxia, que pretendia apontar para a correta doutrina. O Iluminismo, por sua vez, compreendia tudo aquilo que poderia ser envolvido pela razão. Dessa forma que as grandes revelações e promissões que o cristianismo tinha ganho foram combatidos na Ortodoxia. O cristianismo então se viu em meio a três grandezas críticas: o misticismo, a metafísica e a moralidade.<sup>51</sup>

c) Em ambos os movimentos, a concepção de justificação vinculada com santificação<sup>52</sup> é rara. A percepção de que ambos perpetuam o ser do cristão praticamente não é constatada nos mesmos, pois os dois dão grande ênfase, como já salientado, à santificação. O que foi um erro, pois o que se constata por meio de Lutero e sua redescoberta da justificação é que ambos, santificação e justificação, são “as duas faces da mesma moeda”,<sup>53</sup> e não dois eventos distintos na vida do cristão (Rm 1.16-17).

No Pietismo se constata que a ênfase é aplicada para a fé objetiva. Evidencia-se, portanto, a influência e a importância da vivência de fé no Pietismo, alocando aquilo que é vivido pelo crente como de suma importância para sua vida. Fato é que a conversão, como já abordado, é colocada de modo efetivo para o Pietismo, já o batismo é colocado como elemento secundarista na vivência do cristão piedoso.

Com base na *fides* objetiva assinalada pelo Pietismo, surge o Iluminismo alemão, que aponta à necessidade da fé subjetiva, ou

---

51 Carl E. BRAATEN, *Prolegômenos à dogmática cristã*, p. 59.

52 Para mais informações sobre tal vinculação verificar: Werner WIESE, *Ética Fundamental*, p. 185-186.

53 Id., *ibid.*, p. 181.

seja, para uma explanação e captação da objetividade (eterno) por meio da subjetividade. De forma que o Iluminismo é um Pietismo sem a doutrina da justificação da Ortodoxia. O ser humano se torna o seu próprio legislador, ele é quem tem sua própria autonomia.<sup>54</sup> Deus é visto como alguém estanque e distante, que não proporciona qualquer influência no mundo subjetivo. O Iluminismo enfoca, então, o ser humano como responsável pelo aqui e agora, ele é quem demonstra aquilo que é lícito ou o que não é lícito por meio da moral.

A moral, para Kant, era a rememoração de tal Deus, pois a prova de que ele existe é a existência desse princípio dentro do ser humano. Pois, ela é a prova da distinção entre o ser humano, que possui razão, e aquilo que não é humano e que não a possui. O Iluminismo prega a distinção entre aquilo que é eterno (objetivo) e aquilo que é passageiro (subjetivo). De forma que, o ser humano é responsável pelo aqui e agora no ramo da ética, e Deus é responsável por aquilo que é objetivo e longínquo da realidade humana.

Contudo, não se pode apontar que o Pietismo tinha a mesma perspectiva que o Iluminismo, mas que apenas entusiasmou filósofos e pensadores, como Kant, a fim de que chegassem a tais afirmações, pois o Pietismo abrangia a objetividade por meio da subjetividade e não colocava o subjetivo como único meio de se conhecer Deus, porém, como uma leitura daquilo que é objetivo e eterno, ou seja, que não está sob o jugo da humanidade e sim de Deus.

Deve-se salientar que essa ideologia pietista se deu devido à sua forte aversão à Ortodoxia e a forte ideologia da justificação. O que não se cunha no Iluminismo que, como já salientado, perde tal horizonte.

---

54 Para consultar mais sobre o pensamento de autonomia de Kant consultar: J. B. SCHNEEWIND. *A invenção da autonomia*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005, p. 527-551.

Contudo, essa subjetividade encontrada no Pietismo, que visava à salvação por meio das obras da fé no aqui e no agora, essa sim, foi imprescindível para o Iluminismo. Não que a fé subjetiva e objetiva não o fosse, mas tal concepção é decorrente destas. O Iluminismo se apropria dessa compreensão pietista, e não valer-se apenas das suas obras da fé no aqui e agora, mas toda a vida do ser humano é centralizada na busca pela subjetividade e pela procura da sua própria lei moral, mediante sua autonomia.

O ser humano se torna, portanto, concretamente, vigente de si mesmo, é ele quem se autogoverna, não dependendo mais de um ser divino e estanque, que não interfere na vivência humana, mas que se cala em meio à subjetividade. Essa visão acarretou, posteriormente, na total secularização dos preceitos pietistas e também reformatórios, pois a própria visão de um ser divino é retirada e alocada como revoga. Ou seja, Deus é posto de lado como um ser que não influencia na vivência do ser humano e que, por conseguinte, não existe. Esse extremo não foi o que Kant, quando iniciou o movimento iluminista alemão, tinha por convicção, foi uma conclusão que se obteve por meio da influência do Iluminismo francês, representado por René Descartes.

Os pietistas não se entendiam apenas como santos, mas como pessoas que agiam de forma santa e santificada. As suas vidas eram pautadas pelo sentimento, pela vivência e pela operação da santidade prática em suas vidas. Ou seja, a vivência da ideologia salvífica se tornava presente. Contudo, isso não acarretou em grande sufrágio para o Iluminismo, e sim, em grande crítica por parte deste. O Iluminismo criticava a “emotividade” por meio da “racionalidade”, que se evidencia no movimento iluminista.<sup>55</sup>

---

55 Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 813.

Ideais pietistas que foram abarcados dentro do movimento iluminista alemão consistiram na forte resistência à doutrina escolástica da Ortodoxia dogmática, na liberdade do ser para discernir sobre a sua consciência e na vivência de uma fé visível e não apenas teórica. De forma que o Iluminismo encontrou, no então contra movimento ortodoxo dogmático do Pietismo, base para seu surgimento e, ao mesmo tempo, um aliado em sua discussão acirrada sobre a vivência da fé e não em uma dogmatização desta.

August Hermann Francke foi o principal entusiasta pietista, no diálogo com o Iluminismo. De forma que ele, dentro do círculo de Halle, em 1706, foi o principal executor da expulsão de Wolff,<sup>56</sup> iluminista alemão, quando o discurso iluminista de Wolff se distanciou daquilo que era a realidade pietista. Pois Wolff, em seu discurso filosófico, cometeu heresias tais que igualou Confúcio, Cristo e os profetas.<sup>57</sup> Wolff, por sua vez, ocupava-se constantemente em compreender o ser humano e a sua natureza, de modo que, dentre seus escritos, o que mais se evidencia é o amplo número de obras relacionadas a essa finalidade.

Pode-se supor que Wolff foi o principal deturpador dos ideais pietistas, pois foi quem utilizou de pensamentos pietistas para fundamentar aquilo que pressupunha. Wolff não foi sempre aceito, mas se constata que ele foi amplamente aceito dentro do contexto alemão e da revolução que esse país passava no ramo da ideologia. Não que Wolff tenha sido o único, pois houve outros, como

---

56 Para mais informações sobre os ideais filosóficos iluministas de Wolff consultar: Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 814-818.

57 Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 814.

Christian A. Crusius,<sup>58</sup> Johann H. Lambert,<sup>59</sup> Johann N. Tentens<sup>60</sup> e, posteriormente, Alexander Baumgarten,<sup>61</sup> Hermann Samuel Reimarus,<sup>62</sup> Moses Mendelssohn<sup>63</sup> e Gotthold Ephraim Lessing.<sup>64</sup>

O essencial para o Iluminismo alemão, inicialmente, foi a existência de Deus, o serviço a esse Deus, a priorização do bem sobre o mal e a existência de uma recompensa divina para o além.<sup>65</sup> De forma que a ênfase, então, era abonada ao presente, e a leitura crítica da Bíblia como fonte de estudo para a compreensão da moral em tempos passados. A Sagrada Escritura, portanto, foi banalizada como um documento que expunha como a moral do ser humano foi revelada no transcurso da história e não mais como um agir salvífico de Deus para com seu povo.

A razão toma o lugar antes ocupado pela Escritura, demasiadamente defendida por Lutero. A Escritura é, em boa parte do tempo, deixada de lado, enquanto que a razão começa a receber uma abrangência e uma recepção altissonante dentro da sociedade alemã e da Europa como um todo. Esse fato se deu pela orientação para o futuro, pelo cristianismo não dogmático, pela centralidade da experiência humana e pela leitura histórica da Bíblia.<sup>66</sup> De fato, a Filosofia se viu liberta daquela que, muitas vezes, condicionou-a e a manteve presa a pressupostos que várias vezes a impediu de

---

58 Para constatar quais ideais Cruscius defendia consultar: Giovanni REALE; Dario ANTISERI, op. cit., p. 819-820.

59 Para constatar os ideais de Lambert consultar: Id., *ibid.*, p. 820-821.

60 Para mais informações sobre Tetens consultar: Id., *ibid.*, p. 821-822.

61 Para mais informações sobre Baumgarten consultar: Id., *ibid.*, p. 822-825.

62 Para mais informações consultar: Id., *ibid.*, p. 825-826.

63 Para mais informações consultar: Id., *ibid.*, p. 826-828.

64 Para mais informações consultar: Id., *ibid.*, p. 828-834.

65 Martin N. DREHER, *Fundamentalismo*, p. 29.

66 Martin N. DREHER, *Fundamentalismo*, p. 28.

analisar o todo e a verdade, a teologia.

O ser humano não necessitava mais de um Deus, muito menos de um ser divino distante e estanque, mas de uma ordem moral que vigorasse sobre tudo, a razão. Ela, portanto, tornou-se uma grande congregada da humanidade naquele contexto, pois a razão era quem discernia entre seres humanos e seres não humanos. Ela se tornou, por assim dizer, a deusa da época da sabedoria e da busca pela verdade. Tornou-se a própria verdade, que só poderia ser encontrada, se os pressupostos da fé fossem abdicados, isso já se trata de um Iluminismo mais avançado. Pontualmente, em Hume, a religião é banalizada e deixada como “desvio da atenção humana daquilo que realmente ocorre em sua vida”.<sup>67</sup> De forma que Hume chegou ao ponto de negar a fé como algo existente, pois só gerava discórdia e rancor. Segundo ele, a fé era algo maléfico ao ser humano, algo que não levava à vida, e sim à morte.

Tanto o Pietismo quanto o Iluminismo alemão são vistos como duas grandezas que “nascem” na mesma época,<sup>68</sup> pois ambos têm suas raízes fundamentadas na Reforma Protestante ou sofreram alguma influência direta dela. O Pietismo de maneira positiva, para a redescoberta da fé viva, e o Iluminismo para a busca pela soberania da Escritura, o que posteriormente se perdeu.

Tillich, em sua abordagem sobre o Iluminismo salienta: “Devem [...] ser excluídos todos os elementos irracionais que interferem [...] [n]esse modelo calculável da realidade. [...] Todos os elementos irracionais da religião devem ser eliminados”.<sup>69</sup> Dessa forma, podemos constatar que a ideologia iluminista não pretendia,

---

67 Martin N. DREHER, *Fundamentalismo*, p. 31.

68 Martin N. DREHER, *Fundamentalismo*, p. 33.

69 Paul TILICH. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. São Bernardo dos Campos: ASTE, 1999, p. 75.

ao menos inicialmente, destruir a fé, mas sim, firmar aquilo que era real em meio aos escritos bíblicos canônicos, abdicando daquilo que não o é. O Iluminismo kantiano pretendia manter a tradição bíblica de forma racional e compreensível, pretendia defender a fé bíblica por meio de argumentos racionais.

O movimento ocasionou, na realidade alemã, aquilo que se conhece por soberania burguesa, mesmo que atrasada em relação aos outros países iluministas. De forma que o Iluminismo acarretou, assim como a Revolução Industrial, por volta do século 19, a primazia de elites dentro da sociedade, não mais ligadas ao sistema feudal eclesial, mas ao comércio e à burguesia. Surgem, então, na Alemanha, as massas que mantinham o poder, mediado pelo capital financeiro. Por consequência disso, elas eram tidas por superiores às demais classes sociais. A burguesia se torna a classe dominante nesse novo modo de organização estatal.

O Iluminismo posterior, agora já mais distante do Pietismo, viu-se obrigado a se desvincular de Deus, pois não se tratava mais de uma entidade cabível à razão, não havia provas racionais para a existência de uma divindade. O único meio para se “comprovar” Deus era por meio da fé, e esta não era nada para os entusiastas iluministas. Tal concepção já era demasiadamente influenciada pela ideologia dos movimentos iluministas franceses e ingleses. O que não condizia com a ideologia inicial de Kant, pois ele defendia que a razão humana era limitada e, por isso, não poderia compreender, por meio da subjetividade, toda a complexidade que há na objetividade.<sup>70</sup>

Podem-se sustentar as seguintes afirmações:

- a) O Pietismo nasce na Alemanha para manter, em meio à

---

70 Paul TILLICH, op. cit., p. 90.

dogmatização da fé, a vivência desta, salientando, portanto, a santificação em meio à dogmatização, destacando a importância das obras da fé no aqui e no agora, demonstrando, assim, a piedade e o amor ao próximo, como relevância do cristão na humanidade. O cristão se compreende como cristão por meio da prática de tais obras. Contudo, nesse movimento, a justificação, defendida e redescoberta por Lutero, ainda tinha grande influência. O cristão deveria buscar ser santo para se sentir, de fato, condizente com sua situação no mundo, que era de representação divina, de eleito em meio à humanidade.

b) O Iluminismo alemão nasce como um braço do Pietismo na Alemanha, por volta do século 18. E pretende defender a fé por meio de conceitos racionais e defender que, de fato, o ser humano racional não tem capacidade para racionalizar Deus, pois ele é eterno, incompreensível e distante do ser humano. Já nesse momento se nota o início de uma secularização dos ideais defendidos pelo movimento reformatório do século 16 e, por conseguinte, do Pietismo do século 17. No entanto, a secularização propriamente imposta vem intrinsecamente com o foco na moral e na ética, que acarretam na racionalização de Deus, e, *a posteriori*, sua negação.

c) O Iluminismo posterior recebeu demasiadas críticas dentro do ramo teológico e foi combatido exaustivamente por este. Os representantes do movimento que combateu a ideologia iluminista (liberalismo) foram: Schleiermacher,<sup>71</sup> Hegel,<sup>72</sup> Ernesto Guillerme

---

71 Para consultar mais sobre Schleiermacher verificar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 37-312.

72 Para consultar mais sobre Hegel verificar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 313-315.

Hengstenberg,<sup>73</sup> Carlos Immanuel Nitzsch,<sup>74</sup> Adolfo Harless,<sup>75</sup> Kierkegaard,<sup>76</sup> Ritschl,<sup>77</sup> Johann Adam Möhler,<sup>78</sup> além de muitos outros.

d) Não se constata uma “morte” do Iluminismo, mas apenas uma perda de forças devido aos movimentos anteriormente citados.<sup>79</sup>

Sendo assim, pode-se constatar, com base no que foi abordado, que o Pietismo influenciou para o crescimento dos ideais iluministas alemães. Contudo, a desvinculação do Pietismo, por parte do Iluminismo, acarretou em sua secularização e conservação de extremos. Esse não foi o ideal que Immanuel Kant pretendia para o Iluminismo. Já seus seguidores não pretendiam mais apenas entendê-lo, mas também transcendê-lo e levar seus ideais a extremos.<sup>80</sup>

Palavras-chave para relação entre Pietismo e Iluminismo: Secularização, Justificação, Santificação, Reforma Protestante, Immanuel Kant, Wolff, século 17, século 18, etc.

#### IV. PONDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, neste trabalho, a importância e os enfoques do

---

73 Para consultar mais sobre Henrstemberg e os teólogos da restauração verificar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 315-318.

74 Para consultar mais sobre Nitzche teologia mediadora verificar: Bengt HAGGLUND, op. cit., p. 318-319.

75 Para consultar mais sobre Harless e a escola de Erlangen verificar: Id., *ibid.*, p. 319-321.

76 Para consultar mais sobre Kierkegaard verificar: Id., *ibid.*, p. 321-324.

77 Para consultar mais sobre Ritschl verificar: Id., *ibid.*, p. 324-327.

78 Para consultar mais sobre Möhler e a teologia católica do século XIX verificar: Id., *ibid.*, p. 329-332.

79 Paul TILLICH, op. cit., p. 96-151.

80 Id., *ibid.*, p. 95.

Pietismo para a sociedade alemã do século 17. Posteriormente, a relevância do chamado Iluminismo alemão e, por fim, a relação de dependência que o Iluminismo teve com o Pietismo.

No entanto, o que se pode concluir disso? Podem-se pontuar as seguintes afirmações finais:

- a) O Iluminismo, ao menos inicialmente, teve fortes influências do Pietismo por meio da pessoa de Immanuel Kant. De modo que os ideais desse filósofo eram voltados à defesa, manutenção e perpetuação da religião cristã.
- b) Com a secularização concreta do Iluminismo, os pressupostos dos pietistas, bem como da condenação a Ortodoxia e a excessiva Justificação se perderam e foram ocupados por ideologias que transcendiam às instituídas por Kant.
- c) Somente mais tarde, por meio de movimentos como o romantismo, a religião e a teologia foram defendidas como pesquisadoras de um Deus que, de fato, existe.

Portanto, não se pode negar que o Iluminismo alemão, com suas bases no Pietismo, teve grandes influências desse movimento e caiu em um extremismo dos seus próprios ideais. O enfoque no cotidiano foi tanto, que Deus foi colocado como um ser estanque e longínquo, rejeitando-se a doutrinação Trindade, pois se cria que não era acessível ao ser humano. A única forma, portanto, de se racionalizar Deus era por meio da moral e da ética. Elas, por sua vez, eram a sombra de um ser superior que as instituiu no âmago do ser humano.

O Iluminismo perdeu os ideais pietistas quando submergiu ao extremismo da Ortodoxia de vista. A justificação, já pouco abordada

no Pietismo, tinha sido totalmente abandonada pelo Iluminismo. Com isso, o ser humano passou a ser seu legislador e dirigente. O ser humano passou a ser o seu próprio réu e, ao mesmo tempo, seu próprio juiz. Não havia, portanto, alguém, além dele mesmo, que lhe dissesse o que lhe é lícito e o que não é.

Com essas informações se pode afirmar que a sua descendência, que é o Iluminismo, não denigre sua imagem, mas apenas salienta a importância da pertença em mediação e não em extremismos. Ou seja, o Iluminismo não é um motivo de depreciação do Pietismo, mas um motivo de resguardo contra extremos, que acabam por se desvincular, demasiadamente, do que realmente é defendido.

Em nosso contexto atual se pode constatar que ainda restam algumas “conspurcas” desse idealismo iluminista. A presente secularização e o progresso ateuista mundial estão diretamente ligados à ideologia antes defendida pelo Iluminismo, pois, é por meio da razão que a realidade e a irrealidade são provadas. A cosmovisão mundial atual está ligada com uma crença veemente na razão, pois ela, assim como no Iluminismo, é a medida entre aquilo que, de fato, é real e aquilo que não o é.

A secularização que o contexto religioso passa está diretamente ligada à cosmovisão iluminista, mesmo que, em boa parte, a igreja já tenha se instruído no lidar com tal fato. As pessoas defendem uma entidade que é incapaz de racionalizar Deus e, por isso, a existência desse Deus se torna improvável, pois, não pode ser compreendido, nem comprovado, racionalmente. Isso gera dentro das pessoas certa desconfiança, que é aguçada por extremos da fé, como movimentos que colocam para dentro das Escrituras aquilo que nelas não há.

Desse modo, pode-se sustentar que o ideal iluminista ainda se perpetua na sociedade atual. Esse ideal está presente e se faz

constante na sociedade, pois esta apenas consegue crer naquilo que consegue racionalizar, não crendo, ao menos a grande maioria da sociedade, naquilo que não é racional. Ou seja, a ideologia atual tem suas bases firmes no movimento iluminista iniciado no século 18, ao menos dentro dos meios cristãos, pois não só se tenta racionalizar Deus para provar sua inexistência, mas também para encontrar o melhor meio possível para compreendê-lo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYER, Oswald. *A teologia de Matim Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BAYER, Oswald. *Viver pela Fé: Justificação e Santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BRAATEN, Carl E. “Prolegômenos à dogmática cristã”. in: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 1. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em busca de identidade: Contribuições para a antropologia teológica*. 2. ed. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Panorama da Dogmática Cristã: À luz da confissão luterana*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CARREIRO, Vanderlei Lima. Art. “Sacerdócio Universal”. In: FILHO, Fernando Bortolletto (org). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- DREHER, Martin N. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- DREHMER, Darci (ed.). *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- FORDE, Gerhard. “Vida Cristã”. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 2. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- HAARBECK, Theodor. *Está Escrito: Dogmática Bíblica*. São Bento do Sul: União Cristã, 1987.
- HAGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- LINDERBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Do humanismo a*

Kant. Vol. 2. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

- ROGIER, L. J. Art. “O século das luzes e a revolução (1715-1800)”. In: ROGIER, L. J.; SAUVIGNY, J. de Bertier de. *Nova História da Igreja*. Vol. IV. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

- SCHNEEWIND, J. B. *A invenção da autonomia: Uma história da filosofia moral moderna*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

- SCHWAMBACH, Claus. Art. “Justificação por graça e fé. 10 anos de assinatura da ‘Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação’ – ensaio de um balanço crítico em perspectiva luterana. In: SCHWAMBACH, Claus. *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII. n. 1. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2010.

- SCHWAMBACH, Claus. Art. “Phillip Jakob Spener: Pai do Pietismo alemão”. In: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII, Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005.

- SPENER, Phillip Jacob. *Pia Desidéria: Mudanças para o Futuro*. Curitiba: Encontro; São Bernardo do Campo: Inst. Ecum. Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

- SPONHEIM, Paul. “O conhecimento de Deus”. In: R. in BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*. Vol. 1. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

- STANGE, Klaus. Art. “Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf: A compreensão e a práxis de missão dos Irmãos Morávios”. in: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005.

- STÖRIG, Hans Joachim. *Kleine Weltgeschichte der Philosophie*.

- TESSMANN, Mário Francisco. Art. “Pietismo”. In: FILHO, Fernando Bortolletto (org). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

- TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. São Bernardo dos Campos: ASTE, 1999.

- WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

- WIESE, Werner. *Ética Fundamental: Critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2008.

- WIESE, Werner. Art. “Propostas pedagógicas e relevância atual de August Hermann Franke: Um ensaio”. in: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*. Vol. XVIII Nr. II. São Bento do Sul: União Cristã, 2005.